

ALGUNS ASPECTOS FUNDAMENTAIS DA FILOSOFIA EXISTENCIAL DE SØREN KIERKEGAARD

Juliano Telles dos Santos*

Douglas João Orben**

Resumo: O presente artigo busca investigar o pensamento do filósofo dinamarquês Søren Kierkegaard (1813-1855), reconhecido por muitos com o pai do existencialismo contemporâneo. Nesse sentido, apresenta-se o fundamento de cada estado de desenvolvimento existencial do ser humano, que segundo Kierkegaard são três: o estado estético, ético e religioso. O estado estético é marcado pela existência vinculada ao imante, aos desejos e prazeres. O estado ético, por outro lado, é caracterizado por uma vida orientada por normas e padrões morais. Já o estado religioso, por sua vez, representa a existência autêntica, fundamentada na fé e relação com Deus.

Palavras-chave: Indivíduo. Liberdade. Søren Kierkegaard. Existencialismo.

SOME FUNDAMENTAL ASPECTS OF THE EXISTENTIAL PHILOSOPHY OF SØREN KIERKEGAARD

Abstract: This article investigates the thinking of the Danish philosopher Søren Kierkegaard (1813-1855), recognized by many as the father of contemporary existentialism. In this sense, we present the foundation of each stage of existential development of the human being, which according to Kierkegaard are three: the aesthetic, ethical and religious stage. The aesthetic stage is marked by existence linked to the immanent, desires and pleasures. The ethical stage, on the other hand, is characterized by a life guided by moral norms and standards. The religious stage, in turn, represents authentic existence, based on faith and relationship with God.

Keywords: Individual. Freedom. Søren Kierkegaard. Existentialism.

* Licenciado em Filosofia pela Faculdade Palotina - FAPAS, Santa Maria, RS. E-mail: julianotelles@outlook.com.br

** Doutor em Filosofia pela Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul (PUCRS) e professor do curso de Filosofia da Faculdade Palotina - FAPAS, Santa Maria, RS. ORCID: <http://orcid.org/0000-0002-5245-7630>. E-mail: douglasorben@hotmail.com

Considerações iniciais

Søren Aabye Kierkegaard (1813-1855) é considerado por muitos como “o pai do existencialismo contemporâneo”. O seu pensamento origina-se da contraposição ao sistema filosófico hegeliano, no qual a singularidade individual seria dissolvida na totalidade do espírito absoluto. Com isso, Kierkegaard busca desenvolver uma filosofia antissistemática e existencial, cuja base está naquilo que não aparece ou é eliminado pelo sistema hegeliano, a saber: a existência humana singular e livre.

Nesse sentido, no presente artigo serão abordados os estágios da existência humana, porque para o autor dinamarquês “se a vida é uma caminhada, ascensão rumo a si mesmo, exige etapas. [...] Em termos mais precisos a noção de etapa designa um estilo de vida, um tipo de aliança do temporal e do eterno na existência” (FARAGO, 2006, p. 120). Portanto, durante esta caminhada o indivíduo busca evoluir, visando à passagem para um novo estágio. Segundo Kierkegaard, a vida de cada indivíduo é marcada por estágios e a passagem de um estágio para o outro depende da sua conscientização. Dessa maneira, ele define três estágios existenciais, a saber: o estético, o ético e o religioso. O primeiro é representado pelo indivíduo que vive no imediatismo. O segundo refere-se ao indivíduo que toma a consciência da responsabilidade de sua existência. Nesses dois primeiros o indivíduo é quem reconhece a necessidade e decide passar de um estágio para outro, mas o estágio máximo, que é o religioso, depende tão somente da sua aproximação com Deus.

A passagem de um estágio para outro permite o amadurecimento existencial do ser humano, por isso, os estágios são caracterizados como evolutivos. Dessa maneira, o indivíduo tem a possibilidade de progredir e avançar para um novo modelo de vida, fazendo a experiência de reconhecer-se a

si mesmo, buscando uma vida autêntica. Essas etapas, ao longo da sua vivência, contribuirão para tal conquista.

1 Estágio estético

O primeiro estágio da existência humana é o estético. Nesse estágio, o indivíduo passa a viver uma vida despercebida, de modo que não há aqui um olhar voltado e preocupado para si mesmo. O esteta busca tudo aquilo que lhe satisfaz, ou seja, aquilo que lhe convém como importante. Nessa dimensão, podemos compreender que o esteta é “aquele que não sabe amar-se a si mesmo como tampouco a quem quer que seja” (FARAGO, 2006, p. 120), isolando-se de tudo que dá sentido à própria existência.

O indivíduo que vive nesse estágio deixa-se guiar por tudo aquilo que é bom para si, mas não está preocupado com a falta de sentido da vida, pois:

Vive o instante e sempre procura o prazer. O que é bom, o que é belo, plástico ou agradável. Visto assim, alguém que viva nessas condições está preso ao mundo dos sentidos. O esteta fica à mercê dos seus próprios prazeres e sensações (GAARDER, 2016, p. 413).

Dessa maneira, o esteta considera importante somente aquilo que está relacionado com os prazeres, ou seja, limita-se aos momentos e vivências que julga necessário para si. Assim, fica evidente que na vida estética só é valorizado o que é bom, prazeroso e agradável.

Por não haver uma preocupação com a forma de vida que se leva nesse estágio, Gardiner escreve: “é característico, portanto, do indivíduo estético, que ele não procure impor um padrão coerente a sua vida, com a origem numa noção unitária de si mesmo e do que deveria ser” (2001, p. 54). Nesse sentido,

podemos compreender que a vida que leva o esteta não é pensada com coerência, bem como não há um padrão que possa norteá-la.

A única preocupação para o indivíduo que vive nesse estágio é o gozo dos prazeres que pode ou poderá usufruir, pois esses são considerados por ele os mais importantes. Diante dos encantos que lhe trazem satisfação, o esteta fecha-se para a necessidade de refletir sobre o sentido da própria existência, a qual se torna obscura e irrefletida. Existe, aqui, uma ausência de responsabilidade no que se refere à sua identidade pessoal.

O esteta reconhece e valoriza apenas o momento prazeroso, pois, “num nível básico o indivíduo que vive a vida estética não tem o controle da sua existência. Ele vive o momento, levado pelo prazer” (STRATHERN, 1999, p. 33). Falta para ele o equilíbrio de uma reflexão pautada por decisões que visem com clareza à valorização da própria vida, de modo que a mesma ganhe sentido ao longo da existência.

Na obra *Diário de um sedutor*, Kierkegaard destinou uma homenagem a Don Juan¹, quando faz refletir no pseudônimo Johannes a figura de sedutor. A sensualidade de Don Juan revela o modo estético vivido por este, pois “não tem controle sobre as mulheres que seduz, sobre a própria sedução, antes parte desenfreadamente em suas aventuras amorosas” (SALES, 2012, p. 112). Podemos perceber que a figura de Don Juan deixa-se levar pelo prazer de seduzir e não de se deixar seduzir.

Portanto, a figura de Dom Juan ilustrada por Kierkegaard é a seguinte:

Um homem que é capaz de jogar com a vida, não só com a sua se não com a da mulher que seduz e para isso conta com suas armas letais, as quais não lhe garantem o caráter de sedutor

¹ “É um lendário libertino fictício, de uma história contada muitas vezes por autores diferentes. O nome às vezes é figurativamente usado como sinônimo de sedutor” (OLIVEIRA, 2008, p. 29).

vulgar, a saber, a reflexão aguçada e a imaginação fértil (CASSOL, 2013, p. 13).

Ao pensar somente nos benefícios próprios, o esteta não está preocupado com os outros e nem com as consequências de suas estratégias de sedução. Assim, o outro é apenas um objeto que sacia seus desejos, ou seja, o que importa é o seu bem-estar.

A revelação de Michel sobre a maldição que fizera a Deus, fez Kierkegaard vivenciar o estágio estético, pois como destaca Strathern:

O relacionamento de Kierkegaard com o pai sofreu mudança radical. Passando adiante a maldição da família, Kierkegaard pai parece ter feito uma série de confissões ao filho sensível e impressionável. Contou como amaldiçoou a Deus anos antes, numa colina da Jutlândia. Kierkegaard teria ouvido essa revelação com horror, logo em seguida mergulhando numa vida dissoluta de bebedeiras na universidade (1999, p. 23).

Com esta situação, depois com a morte do pai em 1838, o jovem Kierkegaard deixa-se levar pelos prazeres de uma vida desenfreada e totalmente estética. Nessa condição, ele viveu sujeito às sensações e ao exagero de gastar a herança deixada pelo pai com aquilo que lhe trazia satisfação, mas não preenchimento.

No caminho que Kierkegaard vivenciou, realmente percebemos o exemplo do estágio estético, pois:

Sua crise estética o fez saborear o fruto proibido, mas também experimentar o caráter inextinguível da sede que atravessava o espírito que se entrega apenas ao finito. Compreendeu o caráter falacioso deste desejo hiperbólico do mal infinito do desejo: em sua busca erótica, Don Juan confunde o qualitativo, o amor e o quantitativo, a soma das conquistas femininas (OLIVEIRA, 2008, p. 31).

Kierkegaard, ao mesmo tempo em que viveu nesse estágio, percebeu o vazio existente e reconheceu que tal experiência não seria produtiva para sua vida, pois essa é “feita de uma série de momentos contraditórios, cada um dos quais pretende realizar um absoluto de gozo, corresponde a esta fuga do homem para a frente procurando separar-se de sua sombra, sem o conseguir jamais” (FARAGO, 2006, p. 120). A vida estética pode ser compreendida como um mergulho na sensibilidade e, por isso, lançada aos prazeres.

Ao buscar apenas o prazer, desejando viver o imediato, o indivíduo do estágio estético encontra sofrimento na medida em que não enfrenta e nem aceita as circunstâncias impostas pela vida. Segundo Farago, Kierkegaard:

Experimentou esse jogo – é o homem dos extremos, que esconde o seu mal estar vital sob uma aparência estudada, uma *compostura vazia*. Trata-se realmente de um homem insensível, desorientado, que esconde o desespero em uma fuga incessante, uma negação assassina. O esteta, que tudo sacrifica à busca do prazer imediato, vive de fato na dor (2006, p. 122).

O esteta é incapaz de refletir e perceber o valor da própria existência, pois:

Falta-lhe estabilidade ou objetivo; ele muda de rumo conforme o humor e as circunstâncias [...]. A vida sempre será vista em termos das possibilidades de contemplação ou desfrute, e não de projetos a serem realizados ou ideais a serem promovidos (GARDINER, 2001, p. 53).

Em síntese, o que falta para o esteta são ideais que deem sentido à vida, e não estejam baseados apenas naquilo que traga prazer. Entretanto, isso tudo pode ser diferente se ele reconhecer a necessidade de mudar de vida, porque “quando um indivíduo que vive na vida estética reflete sobre a existência, logo

percebe que lhe faltam certeza e significado” (STRATHERN, 1999, p. 34). Contudo, esta reflexão leva o indivíduo ao desespero.

Conforme Gardiner, para “Kierkegaard a transição de um modo de existência para outro obedece a um padrão totalmente diferente. Ela só poderia ser conseguida por meio da escolha pessoal” (2001, p. 57). Portanto, para que haja uma mudança de vida do estágio estético para o ético, o indivíduo precisa estar consciente que realmente necessita deixar de lado tudo aquilo que lhe satisfaz no âmbito estético. É a partir desse reconhecimento e da sua própria escolha que o esteta percebe sua miséria e almeja mudar sua vida, ou seja, avançar para o estágio ético e assumir uma nova vida comprometida e valorizada.

2 Estágio ético

No estágio ético, o ser humano encontra-se consigo mesmo e passa a perceber a necessidade de uma vida pautada na reflexão e valores, assumindo assim o controle de suas ações. Adotando um novo modelo de vida, o indivíduo começa a perceber tudo aquilo que não era capaz de assimilar como importante em relação a sua própria vida enquanto vivia no estágio estético.

Para Farago, o estágio ético “caracteriza-se pelo espírito de serenidade. Superior ao estágio estético, salva-lhe os valores positivos que o esteta não era capaz de honrar na harmonia e na duração, integrando-os em uma vida equilibrada” (2006, p. 124). Nesse estágio, o indivíduo é capaz de construir novos valores e vivê-los eticamente.

O indivíduo ético toma consciência de que a maneira de viver do estágio estético, sendo apenas no imediatismo, não é indicada para aquele que deseja dar um sentido para a sua vida. Portanto, a mudança do estágio estético para o ético implica em uma nova forma de viver a vida, ou seja, o seguimento de novos

rumos, os quais são favoráveis ao bom desenvolvimento pessoal. Isso significa a “adoção de uma nova forma de vida” (GARDINER, 2001, p. 57) que possibilita o encontro do indivíduo consigo mesmo.

Sendo o estágio ético norteado pela racionalidade na qual predomina a lei moral da razão, o indivíduo tem como objetivo alcançar seus ideais, desenvolvendo suas potencialidades com responsabilidade. Nesse sentido, podemos compreender que “o indivíduo ético busca conhecer a si mesmo e tenta transformar-se em algo melhor” (STRATHERN, 1999, p. 37). Aquele que escolhe viver eticamente faz a opção por uma vida mais comprometida com o progresso da sua própria existência.

O autoconhecimento é fundamental anteriormente e posteriormente a mudança para o estágio ético. Anteriormente para que o indivíduo sinta a necessidade de uma nova opção de vida e posteriormente para que perceba as positivities do avanço realizado. Podemos dizer que o autoconhecimento ajuda o indivíduo a sair do fracasso existencial, de modo a passar para a autenticidade. É na aceitação da mudança de vida que acontece a realização pessoal.

Desse modo, é na escolha de si mesmo que o ser humano desenvolve nele próprio o gosto pelo estágio ético. Para Farago,

Em termos mais precisos, escolher eticamente é optar por si mesmo e concentrar-se, e isto optando por si mesmo no mundo sem fugir das tarefas que impõe, no lugar concreto a cada um. É necessário não só querer, mas amar tornar-se eu mesmo, e isto implica cumprir humildemente o próprio dever, no quadro familiar do amor conjugal, na fidelidade resgatada dia após dia, que o hábito não enfraquece, mas aprofunda (2006, p. 125).

Nesta dimensão de optar por si mesmo e sendo capacitado de não amar somente a si, mas também aos outros, “Kierkegaard afirma que, protótipo desse

estágio ou esfera ética é o marido fiel o cumpridor do dever, o responsável, o dedicado pela família e ao trabalho” (OLIVEIRA, 2008, p. 33). A figura do bom marido, usada por Kierkegaard para retratar o indivíduo ético, deixa claro que este assume a condição de viver para cumprir o seu dever. Aqui o indivíduo não visa mais a busca pelas vivências das sensações imediatas, mas um sentido de vida que seja relevante e significativo para sua existência.

A edificação humana do indivíduo que passa a viver no estágio ético manifesta-se no compromisso assumido por ele no casamento: ser responsável não apenas por ele mesmo, mas também por outrem. A partir do pensamento de Kierkegaard em relação ao casamento, Farago destaca:

No casamento, o homem não é apenas responsável por si mesmo, mas o é também por outro e diante de outro. A família promove a superação do egocentrismo, da prisão narcísica do esteta. Implica a necessidade do reconhecimento de um capricho, de “uma experiência sem amanhã”, o brinquedo de um instante. [...] O amor conjugal tem de ser vivido como a permanência da primeira vez (2006, p. 130).

Dedicando-se um ao outro, o casal demonstra a reciprocidade do amor que deve permanecer cultivado desde o início, com princípios e valores que sejam o sustento do relacionamento. É a experiência de doar-se um ao outro, rompendo as barreiras do egoísmo que eram características do indivíduo esteta.

A partir da vivência ética o indivíduo deixa de lado seus apetites pessoais e adota leis morais e de comportamento universal.² Porém, é preciso atenção, pois:

² Aqui é importante destacar que “essa condição lembra um pouco a ética do dever de Kant. Procuramos viver segundo a lei moral. Como Kant, Kierkegaard dirige sua atenção para o comportamento humano” (GAARDER, 2016, p. 415). Neste sentido, o essencial é saber escolher aquilo que é certo ou errado.

A moral que assegura uma sabedoria feita de bom senso e de medida é o bastante, afirma-se, para a solução dos problemas ordinários da vida, para o “geral”. Mas comporta igualmente o perigo de fazer o homem esquecer que ele é e deve ser um Indivíduo singular, submetido a deveres pessoais e revestidos de uma responsabilidade própria e inalienável (FARAGO, 2006, p. 125).

A citação acima nos ajuda a compreender que o indivíduo do estágio ético pode perder-se na multidão³, tendo em vista a condição da ética enquanto geral, ou seja, universal. Isto é, o indivíduo pode esquecer-se da sua condição singular, generalizando todas as suas responsabilidades conforme as atitudes apresentadas por outros indivíduos e, assim, deixando de compreender as regras de comportamento que ele mesmo deve seguir.

A experiência do indivíduo ético, estando centrada em um projeto de vida responsável que oriente seu percurso no caminho existencial, estimula que sua atenção dirija-se “a sua própria natureza, a sua realidade substancial como ser humano com tais e tais talentos, inclinações e paixões sendo que estas permanecem sob seu controle” (GARDINER, 2001, p. 58). Ou seja, sua vivência é caracterizada por um indivíduo que se empenha e busca encontrar um sentido para a sua existência.

O rompimento do estágio estético para o ético é fruto da escolha do indivíduo que reflete sobre a sua existência e percebe a necessidade de dar um sentido para ela. Em síntese, podemos compreender que isto realmente acontece quando o indivíduo deseja um novo projeto de vida, pois:

Graças a tal compreensão íntima e autocrítica, um homem chega a reconhecer não apenas o que ele é empiricamente, mas o que

³ Segundo Kierkegaard, “[...] a multidão, é a mentira; porque, ou ela provoca uma total ausência de arrependimento e de responsabilidade, ou, pelo menos, atenua a responsabilidade do indivíduo, fraccionando-a” (2002, p. 112). Neste sentido, a multidão significa a desvalorização da singularidade do indivíduo.

ele verdadeiramente aspira se tornar. [...] A vida do indivíduo e o comportamento do indivíduo ético devem ser pensados como inspiradores e direcionados por determinada concepção de si mesmo firmemente fundada numa compreensão realista de suas potencialidades; compreensão que seja imune às vicissitudes do acaso e da sorte (GARDINER, 2001, p. 58).

Na sua existência humana, o indivíduo deve buscar sempre mais adquirir projetos que se desenvolvam e norteiem seu caminho. Até aqui percebemos a passagem de um estágio para outro, no qual o indivíduo reconhece que precisa deixar para trás a vida baseada no imediatismo e começar um novo processo de amadurecimento existencial. Através desse reconhecimento, ele faz uma escolha que parte da razão.

O estágio ético, mesmo sendo importante no processo de desenvolvimento existencial, não capacita o indivíduo para viver completamente sua singularidade enquanto tal, pois ele corre o risco de perder-se na multidão, como já foi mencionado anteriormente. Portanto, fica claro que:

A ética é universal. Por isso a esfera ética contempla ainda um grau de universalidade porque a ética tem um telos universal, tem um fim, um objetivo universal. [...] Todo o agir ético traz dentro de si um pecado de excluir o indivíduo; nasce então o arrependimento porque estando dentro da universalidade há no próprio agir ético uma reclamação de individualidade (OLIVEIRA, 2008, p. 35).

Por este motivo, ainda existe outro estágio superior a estes dois. Entretanto, ambos não podem ser desconsiderados, pois fazem parte da existência e deixam suas marcas positivas. A passagem do ético para um novo estágio é considerado por Kierkegaard como “salto da fé”, não depende da razão, mas sim da íntima relação e confiança em Deus. É isso que veremos a seguir no estágio religioso, o novo horizonte apontado por Kierkegaard que

demonstra, na obra *Temor e tremor*, a figura de Abraão que “abandonou uma coisa, a sua razão terrestre, por outra, a fé” (1998, p. 31). Surge, assim, o estágio máximo que pode ser atingido pelo indivíduo, a saber: o religioso.

3 Estágio religioso

Mediante um salto de fé, o ser humano passa do estágio ético para o mais elevado estágio existencial humano, o religioso. Com isso, esse é o mais elevado entre os três estágios da existência humana. É neste estágio que o indivíduo se aproxima de Deus e assim deixa para trás a vida do imediatismo representado no estágio estético e também das leis morais norteadoras do estágio ético, pois de acordo com Farago:

Somente o estágio religioso realiza a presença da eternidade no tempo, a plenitude da encarnação. Dissipam-se então as miragens do gozo, a prisão da lei abre suas grades em proveito da gratuidade do amor e a pessoa realiza em plenitude a aliança entre o tempo e a eternidade (2006, p. 126).

Nesse sentido, pode-se considerar que este estágio é fruto da relação do indivíduo com sua interioridade que vai se cultivando e culmina na relação da aliança com Deus. É, portanto, o estágio da manifestação da fé na qual “em termos kierkegaardianos: a fé é um salto no escuro” (OLIVEIRA, 2008, p. 36). É através da fé que o indivíduo se relaciona diretamente e tão somente com Deus.

Dessa maneira, a “fé está além da proteção dos padrões humanos de racionalidade” (GARDINER, 2001, p. 71), o que a difere dos estágios anteriores. Agora, para viver neste estágio, o indivíduo precisa estar em sintonia com o Absoluto, buscando estar atento e comprometendo-se com o novo modelo de vida alcançado.

Farago descreve duas outras formas de religião que poderiam se fundamentar na estética ou na moral. A primeira se deixaria conduzir pelas aparências e impulsos; a segunda estaria prisioneira do mandamento. Mas esclarece que somente através do cristianismo o indivíduo entra em profunda relação com Deus. Portanto, a partir desta reflexão, mencionando a “magnífica ação de graças de Kierkegaard”, Farago escreve:

Apenas o estágio religioso permite ao homem, muito além do prazer, muito acima da lenta felicidade do dia-a-dia, conhecer a visita perturbadora da alegria, pela qual Kierkegaard faz uma magnífica ação de graças em *A doença mortal*: “Eis o motivo pelo qual – diz ele – a minha voz se elevará em júbilo, mais forte que a voz da mulher que deu à luz, mais forte que o grito de alegria dos anjos por um pecador que se arrepende, mais alegre que o canto dos pássaros ao raiar do dia: pois eu procurei, achei; e mesmo que os homens arrebatassem tudo, mesmo que me excluíssem de sua sociedade, eu conservaria mesmo assim esta alegria; ainda que me tomassem tudo de volta, conservaria sempre a melhor parte, o espanto repleto de felicidade que nos trazem o amor infinito de Deus e a sabedoria dos seus desígnios” (2006, p. 126).

Quando o indivíduo alcança a graça do estágio religioso, ele se deixa guiar pela relação com Deus e deve estar ciente do seu compromisso com essa relação, bem como depositar total confiança em Deus. Pois, “estando no estágio religioso onde a fé é o centro, encontra-se acima do ético, no sentido de que a fé é a virtude que dá pleno sentido à existência” (CASSOL, 2013, p. 18). No estágio religioso, o indivíduo tem que despojar-se da razão terrestre, como fez Abraão.

Desse modo, podemos compreender o motivo pelo qual Kierkegaard, na obra *Temor e tremor*, ilustra a passagem de Abraão, ou seja, apresenta Abraão para demonstrar como deve ser a relação do indivíduo com Deus. Abraão recebe

de Deus a ordem de sacrificar Isaac⁴ e este fato em sua vida foi vivenciado com obediência e fé.

Na missão de sacrificar seu único filho, Abraão não vacilou. Partiu para a montanha de Moriá como o Senhor lhe havia indicado. Com essa atitude, Abraão demonstra sua atenção aos apelos do Senhor que outrora muito havia lhe abençoado e agora põe sua fé à prova. Obediente às orientações do Senhor, partiu em silêncio. Para Kierkegaard, Abraão agiu com esperança ao deparar-se com essa dolorida ordem, pois:

Prova mais dura lhe estava reservada; a morte de Isaac encontrava-se na sua mão ao empunhar a faca. Tal era a situação do ancião diante da sua única esperança! Mas ele jamais duvidou, não relanceou o olhar angustiado à direita e à esquerda, não importunou o céu com súplicas. Sabia que o Todo-poderoso o punha à prova, sabia que este era o sacrifício mais duro que lhe podia exigir, mas sabia também que nenhum sacrifício é demasiadamente pesado quando Deus o pede – por isso puxou a faca (1998, p. 36).

⁴ É importante retomarmos aqui a passagem mencionada: “[...] Deus pôs Abraão à prova, dizendo-lhe: - Abraão! Respondeu – Aqui estou! Deus lhe disse: - Pega teu filho único, teu querido Isaac, vai ao país de Moriá, e aí o oferecerás em sacrifício num dos montes que eu te indicarei. Abraão madrugou, selou o asno, e levou dois criados e seu filho Isaac; cortou lenha para o sacrifício e encaminhou-se para o lugar que Deus lhe havia indicado. No terceiro dia, Abraão ergueu os olhos e avistou o lugar ao longe. Abraão disse a seus criados: - Ficai aqui com o asno; eu e o menino iremos até lá para adorar a Deus, e depois voltaremos a vós. Abraão pegou a lenha para o holocausto, colocou-a sobre seu filho Isaac, e ele levava o fogo e faca. Os dois caminhavam juntos. Isaac disse a seu pai Abraão: - Pai! Ele respondeu: - Aqui estou, meu filho. O menino disse: - Temos fogo e lenha, mas onde está o cordeiro para o holocausto? Abraão lhe respondeu: - Deus providenciará o cordeiro para o holocausto, meu filho. E continuaram caminhando juntos. Quando chegaram ao lugar de que Deus lhe falara, Abraão ergueu aí um altar e pôs a lenha por cima. Depois, amarrou seu filho Isaac e o pôs sobre o altar, em cima da lenha. Então Abraão pegou a faca para degolar seu filho, mas o anjo do Senhor lhe gritou do céu: - Abraão! Abraão! Ele respondeu: - Aqui estou. Deus lhe ordenou: - Não estendas a mão contra teu filho, nem lhe faças nada. Já comprovei que respeitas a Deus, porque não me negaste teu filho, teu filho único. Abraão ergue os olhos e viu um cordeiro enroscado pelos chifres nos arbustos. Abraão se aproximou, pegou o carneiro e o ofereceu em sacrifício em lugar de seu filho. Abraão deu a esse lugar o nome de ‘O Senhor providencia’, pois isso ainda hoje se diz: ‘O monte do Senhor providencia’” (BÍBLIA DO PEREGRINO, 2011. Gênesis 22, 1-14).

A demonstração da fé de Abraão é prova de uma “verdadeira fé (exigência do estágio religioso)” (STRATHERN, 1999, p. 39) e, por isso, foi realizada com esperança. Poderiam ter sido muitos os motivos os quais levassem Abraão a não cumprir tal ordem de Deus, porém, ele “não teria dado testemunho nem da sua fé nem da graça de Deus, mas teria mostrado como é terrível subir a montanha de Moriija” (KIERKEGAARD, 1998, p. 37). Portanto, não duvidou, mas acreditou na graça de Deus.

Abraão não interrompeu o que deveria fazer segundo a ordem de Deus. Ele se colocou à disposição, ou melhor, submeteu-se até o último momento. O seguimento da vontade estabelecida por Deus deu sentido à vida de Abraão. Assim, ele testemunhou sua fé que, segundo Kierkegaard, é “um paradoxo capaz de fazer de um crime um acto santo e agradável a Deus, paradoxo que devolve a Abraão o seu filho, paradoxo que não pode reduzir-se a nenhum raciocínio, porque a fé começa precisamente onde acaba a razão” (1998, p. 71). Por esse motivo, Abraão não buscou meios para não realizar a ordem dada por Deus, mas abandonou-se à fé.

Por esta razão, Abraão é considerado por Kierkegaard o modelo de *cavaleiro da fé*⁵, pois ao ser posto à prova manteve total silêncio mesmo tendo a possibilidade de regressar e arrepender-se. Abraão percorreu sozinho e com firmeza o caminho traçado pela vontade de Deus, porque se tivesse recebido ajuda de alguém “colocar-se-ia fora do paradoxo” (KIERKEGAARD, 1998, p. 101). Portanto, ele é o autêntico modelo de cavaleiro da fé.

Como podemos perceber, o estágio religioso exige uma total relação do indivíduo com Deus, tendo a fé como sustento. Dentro dessa relação, o indivíduo

⁵ É aquele que “só dispõe, em tudo e para tudo, de si próprio: daí o terrível da situação. A maior parte dos homens vive numa obrigação moral, que dia após dia evitam cumprir; mas também nunca alcançam essa concentração apaixonada, essa consciência enérgica” (KIERKEGAARD, 1998, p. 101). Neste sentido podemos compreender que o cavaleiro da fé é “o indivíduo em cuja existência concilia o finito e o infinito, ou seja, a lei e a fé” (MORAES, 2007, p. 41).

se inclina diante de Deus para atender os designios escolhidos por Ele. É verdadeiramente assumir um compromisso e passar pela “experiência de uma vivência religiosa bastante profunda e alicerçada na fé que faz com que as pessoas adentrem num campo, muitas vezes misterioso” (FELIPPE, 1998, p. 33). A boa vivência religiosa com fé resulta na perseverança do indivíduo na caminhada existencial.

Portanto, para que o indivíduo almeje e viva a fé é necessário muito esforço e progresso pessoal, pois “alcançar a fé é tarefa, é uma exigência árdua e difícil a qual jamais pode ser alcançada sem que exista por parte do indivíduo coragem, perseverança, seriedade e compromisso” (CASSOL, 2013, p. 20). De fato, para viver a fé que dá sentido e autenticidade ao estágio religioso é preciso amar a Deus e acreditar, assim como Abraão.

Considerações finais

A partir do que aqui foi exposto, percebe-se a importância de Kierkegaard no que diz respeito, dentre outros aspectos, ao estabelecimento das premissas do existencialismo contemporâneo. Não por acaso, o pensador dinamarquês é considerado por muitos como o pai da corrente existencialista. A sua filosofia apresenta-se como diametralmente oposta ao sistema hegeliano, pelo que busca ressaltar a liberdade individual, a capacidade de decisão, a angústia existencial e o desespero humano. Como se pôde perceber, aqui é o sujeito o protagonista de seu modo de viver, por isso ele pode, com a sua liberdade, escolher que rumo dar à sua existência.

Os estágios existenciais apresentaram a importância da reflexão e do conhecimento que o indivíduo deve ter da sua realidade. Ou seja, é preciso compreender a necessidade de evoluir em cada um dos estágios. No estágio estético, o prazer do esteta está apenas nas coisas do imediato, do momento.

Por isso, quando o esteta percebe que o imediatismo não o preenche, sente a necessidade de passar para o estágio ético. Nesse estágio, o indivíduo torna-se responsável pela sua existência, vivendo de acordo as leis éticas e morais. Estas são importantes na vida do indivíduo, mas não suficientes. Por isso, o indivíduo deseja passar para um estágio superior e máximo, o religioso. Este estágio não é alcançado de forma individualista, mas pela aproximação do sujeito com Deus, acreditando e abraçando a fé.

Portanto, concluímos que o pensamento existencialista da filosofia de Kierkegaard demonstra a importância da escolha, da liberdade, de modo que cada indivíduo deve exercer na sua condição existencial, pois todos são capazes de dar um sentido verdadeiro e autêntico para a sua existência. Ou seja, é tarefa de cada indivíduo ser responsável por sua existência, visando torná-la autêntica. Olhar com carinho para o nosso ser e criar um projeto que oriente nossa caminhada existencial é buscar um sentido para a nossa vida. A liberdade nos convida a sermos construtores da nossa própria história, a qual vai sendo edificada no percurso existencial que realizamos. Por isso, sejamos verdadeiros seres humanos preocupados e desejosos em alcançar uma existência autêntica.

Referências

ANDRADE, Nicolay. Kierkegaard e a religião cristã: o paradoxo da fé e o paradoxo da confissão da fé. **Revista Espaço Acadêmico**. n. 11, p. 24-32, jan. 2012. Disponível em: <<http://www.periodicos.uem.br/ojs/index.php/EspacoAcademico/article/view/15656>>. Acesso em: 24 jul. 2019.

BACKHOUSE, Stephen. **Kierkegaard**: uma vida extraordinária. Tradução de: Nirio de Jesus Moraes. Rio de Janeiro: Thomas Nelson, 2019.

BEAUFRET, Jean. **Introdução às filosofias da existência**. Tradução de Salma Tannus Muchail. São Paulo: Duas Cidades, 1976.

BÍBLIA. Português. **Bíblia do Peregrino**. 3. ed. São Paulo: Paulus: 2011.

CASSOL, Josimar. **A problemática da verdade subjetiva nas migalhas filosóficas de Kierkegaard**. Orientação: Prof. Vitor Hugo dos Reis Costa. Santa Maria: [s.n.], 2013. 37 p. Trabalho de conclusão de curso (Licenciatura Plena em Filosofia) – Faculdade Palotina.

COLLINS, James. **El pensamiento de Kierkegaard**. Traducción de: Elena Landázuri. México: Fondo de Cultura Económica, 1958.

FARAGO, France. **Compreender Kierkegaard**. Tradução de: Ephraim F. Alves. Petrópolis: Vozes, 2006.

FELIPPE, Valdecir Luiz. **Os estágios evolutivos do homem na obra “Temor e tremor” de Kierkegaard**. Orientação: Prof. Valdemar Munaro e Prof. Eduardo P. P. Nogueira. Santa Maria: [s.n.], 1998. 43 p. Trabalho de conclusão de curso (Licenciatura Plena em Filosofia) – Instituto de Filosofia e Teologia Santa Maria.

GAARDER, Jostein. **O mundo de Sofia: romance da história da filosofia**. Tradução de: Leonardo Pinto Silva. São Paulo: Schwarcz, 2016.

GARDINER, Patrick. **Kierkegaard**. Tradução de: Antonio Carlos Vilela. São Paulo: Loyola, 2001.

GRELOT, Pedro. **Reflexões sobre o problema do pecado original**. Tradução de Henr. Perbeche. São Paulo: Paulinas, 1969.

HIRSCHBERGER, Johannes. **História da filosofia moderna**. Tradução de: Alexandre Correia. São Paulo: Herder: 1960.

JAPIASSÚ, Hilton; MARCONDES, Danilo. **Dicionário básico de filosofia**. 3. ed. São Paulo: Jorge Zahar, 1996.

JOLIVET, Régis. **As doutrinas existencialistas: de Kierkegaard a Sartre**. Porto: Tavares Martins, 1957.

KIERKEGAARD, Sören. **Temor e tremor**. Tradução de: Maria José Marinho. 3. ed. Lisboa: Guimarães, 1998.

_____. **Desespero humano (doença até a morte)**. Tradução de Adolfo Casais Monteiro. Tradução de: Adolfo Casais Monteiro. 3. ed. Porto: Tavares Martins, 1952.

_____. **Diário de um sedutor**. Tradução de: Carlos Grifo. Lisboa: Presença, s.d.

_____. **O conceito de angústia**. Tradução de: Álvaro Luiz Montenegro Valls. 3. ed. Petrópolis: Vozes, 2013.

_____. **Ponto de vista explicativo da minha obra de escritor**. Tradução de: João Gama. Lisboa: Edições 70, 2002.

MORAES, Éder Junio. **Angústia**: condição fundamental para a autêntica existência humana, na perspectiva de Sören Kierkegaard. Orientação: Prof. Ms. Rogério Baptistella. Santa Maria: [s.n.], 2007. 65 p. Trabalho de conclusão de curso (Licenciatura Plena em Filosofia) – Faculdade Palotina.

OLIVEIRA, Ilson José de. **O desespero como uma categoria existencial do indivíduo em Sören Aabye Kierkegaard**. Orientação: Prof. Ms. André Roberto Cremonesi. Santa Maria: [s.n.], 2008. 64 p. Trabalho de conclusão de curso (Licenciatura Plena em Filosofia) – Faculdade Palotina.

REALE, Giovanni; ANTISERI, Dario. **História da filosofia**: do humanismo a Descartes, v. 3. Tradução de Ivo Storniolo. 2. ed. São Paulo: Paulus, 2005.

RUF, Ambrosius Karl. **Pecado**: o que é? Tradução de Leo Nicolau Orth. Petrópolis: Vozes, 1978.

SALES, Talles Luiz de Farias. O estádio estético e o seu lugar na teoria kierkegaardiana dos Stadier. **Revista Filogênese**. Marília, v. 5, p. 106-120, 2012. Disponível em: <<https://www.marilia.unesp.br/Home/RevistasEletronicas/FILOGENESE/tallessales1.pdf>>. Acesso em: 09 set. 2019.

SAMPAIO, Laura Cristina Ferreira. **A existência ética e religiosa em Kierkegaard: continuidade ou ruptura?** Orientação: Prof. Dra. Silene Torres Marques. São Carlos: [sn], 2010. 181 p. Tese (Doutorado em Filosofia) – UFSCAR. Disponível em: <<https://repositorio.ufscar.br/bitstream/handle/ufscar/4776/3042.pdf?sequence=1&isAllowed=y>>. Acesso em: 10 jul. 2019.

STRATHERN, Paul. **Kierkegaard em 90 minutos**. Tradução de: Marcus Penchel.
Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 1999.